

FEVEREIRO / 2019

INTERNACIONAL

EUROPA

Conforme a última estimativa da agência Eurostat , o PIB da zona do euro no quarto trimestre de 2018, cresceu 0,2% frente ao trimestre anterior e 1,1% na base anual. No trimestre anterior o crescimento havia sido de 0,2% e de 1,6% na base anual. As exportações, os investimentos e o consumo ajudaram nesse resultado .

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 7,9% em dezembro, caiu para 7,8% em janeiro, a menor taxa desde outubro de 2008.

Quanto à inflação do consumidor, depois de ter registrado um avanço anual de 1,4% em janeiro, teve alta de 1,5% em fevereiro de 2019, a primeira aceleração da taxa desde outubro.

EUA

Já a economia dos EUA, conforme a estimativa final cresceu a taxa anualizada de 2,6% no último trimestre de 2018, acima da expectativa dos economistas. No ano o crescimento do PIB foi de 3,1%, com o gasto dos consumidores, que representa dois terços da economia avançando 2,8%.

A criação de vagas de trabalho não agrícola em fevereiro de 2019 foi de 20 mil novos postos, quando a expectativa era de 185 mil. A taxa de desemprego, que era de 4% em janeiro, recuou para 3,8%.

Na ata da sua reunião no final de janeiro, o FED citou várias incertezas, que representam riscos para o crescimento econômico, para justificar a pausa no aumento dos juros.

ÁSIA

Na China, o governo reduziu a meta de crescimento do PIB em 2019 de 6,5%, para algo entre 6% e 6,5%. Reiterou que o governo cortará impostos e aumentará os empréstimos para sustentar a economia. No Japão, o PIB do quarto trimestre de 2018 foi revisado para cima e apontou um crescimento de 1,4% anualizado no trimestre, em relação ao anterior. No ano o avanço do PIB foi de 0,3%.

MERCADOS DE RENDA FIXA E RENDA VARIÁVEL

No mercado internacional de renda fixa, os títulos do tesouro americano de 10 anos, que tinham rendimento de 2,63% a.a. no final de janeiro, terminaram fevereiro com rendimento de 2,73% a.a. Já os títulos emitidos pelo governo britânico rendiam 1,29% a.a., enquanto os emitidos pelo governo alemão, por sua vez, fecharam o mês de fevereiro com rendimento de 0,18%. Paralelamente, no mês, o dólar se valorizou 0,67% perante o euro e 1,87% e perante o yen.

Já as bolsas internacionais tiveram em fevereiro outro mês de altas. Enquanto a bolsa alemã (Dax) subiu 3,07% no mês e a inglesa (FTSE 100) 1,52%, a do Japão (Nikkei 225) avançou 2,94% e a americana (S&P 500) ,%. No mercado de commodities, o petróleo tipo Brent subiu no mês 6,73%.

NACIONAL

ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

Conforme o IBGE, o PIB brasileiro cresceu 1,1% em 2018 e está no mesmo nível de atividade em que estava no primeiro semestre de 2012. O setor agropecuário evoluiu 0,1%, o industrial 0,6% e o de serviços 1,3% em relação a 2017.

A taxa de desemprego, por sua vez, que era de 11,6% no trimestre encerrado em dezembro, subiu para 12% no trimestre encerrado em janeiro, com a dispensa de temporários contratados para o natal. Cerca de 12,7 milhões de pessoas estavam sem trabalho.

SETOR PÚBLICO

Conforme informou o Banco Central, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 46,9 bilhões em janeiro, resultado semelhante a janeiro do ano anterior. De qualquer forma, foi o segundo melhor resultado da série histórica para um mês de janeiro.

As despesas com juros nominais, em doze meses, totalizaram R\$ 371,7 bilhões (5,38% do PIB) e o déficit nominal, que inclui o resultado com os juros, foi de R\$ 480,0 bilhões (6,95% do PIB) no mesmo período.

A dívida bruta do governo geral (governo federal mais INSS mais governos regionais) alcançou em novembro R\$ 5,32 trilhões (76,7% do PIB).

INFLAÇÃO

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE divulgou que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), depois de ter registrado alta de 0,32% em janeiro, subiu 0,43% em fevereiro. No ano acumulou variação de 0,75% e em doze meses de 3,89%, abaixo da meta do Banco Central.

Já o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), subiu 0,54 em fevereiro, após ter subido 0,36% em janeiro. No ano acumulou altas 0,90% e de 3,94% em doze meses.

JUROS

Conforme a ata da reunião no início de janeiro, o Copom reafirmou que diversas medidas de inflação subjacentes se encontram em níveis apropriados ou confortáveis, mas riscos existem de forma a manter a postura cautelosa.

CÂMBIO E SETOR EXTERNO

A taxa de câmbio dólar x real, denominada P-Tax 800 encerrou o mês de fevereiro cotada em R\$ 3,7385, com uma valorização de 2,37% no mês.

Em janeiro, as transações correntes, apresentaram déficit de US\$ 6,5 bilhões, acumulando em doze meses saldo negativo de US\$ 14,8 bilhões.

Os Investimentos Estrangeiros Diretos – IED apresentaram um ingresso líquido de US\$ 5,9 bilhões em janeiro e acumularam US\$ 85,8 bilhões em doze meses. As reservas internacionais eram de US\$ 377,0 bilhões no final do mês.

A Balança Comercial, por sua vez, teve em fevereiro de 2019 um superávit de US\$ 3,67 bilhões, o segundo melhor para o mês na série histórica.

RENDA FIXA

Dos subíndices Anbima, que referenciam os fundos compostos por títulos públicos disponíveis para os RPPS, o melhor desempenho no mês de janeiro acabou sendo o do IDkA 20A (IPCA), com alta de 0,64%, seguido do IMA-B 5+ com alta de 0,55% e do IMA-B Total com alta de 0,55%.

RENDA VARIÁVEL

Para o Ibovespa, o mês de janeiro foi ruim, com queda de 1,86%, acumulando, em doze meses, alta de 11,95%. O índice encerrou o mês e o ano em 95.584 pontos.

PERSPECTIVAS

MERCADO INTERNACIONAL

Enquanto a economia da zona do euro tem apresentado indicadores de desaceleração do crescimento econômico, a economia americana ainda tem se mostrado mais robusta. Os olhos do mercado estarão no curto prazo voltados para as conversações entre EUA e China no que diz respeito às suas diferenças comerciais e para a zona do euro, onde a atividade fraqueja.

MERCADO NACIONAL

No Brasil as atenções estarão totalmente voltadas para o rito de aprovação da reforma da Previdência, bem como para como deverá evoluir a atividade econômica e o emprego. Importante destacar também que o mercado estará atento ao Banco Central, agora sob nova direção.

Em relação às aplicações dos RPPS aconselhamos o investimento de 25% dos recursos em fundos de investimento em títulos públicos que possuem a gestão do duration, produto a ser acompanhado com a devida atenção.

Para os vértices médios (IMA-B 5, IDkA 2A e IRF-M Total) recomendamos ainda uma exposição de 30% e para os vértices de curto prazo, representados pelos fundos DI, pelos referenciados no IRFM-1 e pelos CDB's a alocação agora sugerida é de 15%.

Permanece a recomendação de que, com a devida cautela e respeitados os limites das políticas de investimento e as exigências da nova resolução editada pelo CMN, é oportuna a avaliação de aplicações em produtos que envolvam a exposição ao risco de crédito (FIDC e FI Crédito Privado, por exemplo).

Quanto à renda variável, continuamos a recomendar a exposição máxima de 30%, também por conta da melhora da atividade econômica neste ano, que já se reflete em um melhor comportamento dos lucros das empresas e, portanto, da Bolsa de Valores e também pelo fato da importância do produto como fator de diversificação de portfólio, em um momento em que as taxas de juros dos títulos públicos não mais suprem a meta atuarial.

Dessa forma, mantivemos em 10% a sugestão de alocação em fundos multimercado e reduzimos de 5% para 2,5% a alocação em FII e FIP, respectivamente, dada a pouca disponibilidade de produtos no mercado. Em compensação e tendo-se em vista o potencial de valorização do segmento com a eleição de candidato pró-mercado elevamos a recomendação do investimento em ações de 10% para 15%.

Para aqueles clientes que já contam com investimento de 5% tanto em FII, quanto em FIP, recomendamos que o teto de investimento em ações se mantenha em 10%.

Por fim, cabe lembrarmos que as aplicações em renda fixa, por ensejarem o rendimento do capital investido, devem contemplar o curto, o médio e o longo prazo, conforme as possibilidades ou necessidades dos investidores. Já as realizadas em renda variável, que ensejam o ganho de capital, as expectativas de retorno devem ser direcionadas efetivamente para o longo prazo.

Sugestão de Alocação dos Recursos – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	70%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture) *	0%
Gestão do Duration	25%
Médio Prazo (IRF-M Total, IMA-B 5 e IDKA 2)	30%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	15%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	15%
Multimercados	10%
Fundos de Participações**	2,5%
Fundos Imobiliários **	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	0%

* Aos clientes que investem em FIDC / Crédito Privado / Fundo Debênture, utilizar como limite máximo o percentual destinado ao Médio Prazo.

** Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição de 15% aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.